

EMISSÃO DE ODORES X PARTES INTERESSADAS

Consultor: Luís Henrique C. da Silva

Na última dica técnica conversamos sobre a importância para as organizações do mapeamento dos seus stakeholders ou partes interessadas, identificando suas necessidades e expectativas, pois é fato que as pressões sobre as organizações no que tange à sustentabilidade é crescente, é um caminho sem volta e tem relação direta com a competitividade dos negócios e os princípios ESG são uma prova disto.

Há algumas formas para uma organização manter este relacionamento e fazer a sua prestação de contas (“*accountability*”) para a sociedade sobre o seu desempenho socioambiental. Tudo depende do contexto social, econômico e ambiental no qual a organização está inserida. Este assunto é de relevada importância para as organizações e muito pode ser debatido, contudo, focaremos aqui nas questões relacionadas aos entornos industriais, às comunidades.

Na prática, a comunicação com a partes interessadas deve estar ordenada com uma análise de riscos, o que seja, com a ciência sobre quais aspectos ambientais são mais críticos e que podem gerar manifestações de uma comunidade, dos vizinhos e às vezes de um único vizinho (lembremos do conceito apresentado na dica anterior). Estamos falando de efluentes líquidos, resíduos sólidos, ruídos, saúde e segurança, emissões atmosféricas e.....emissão de odores.

Vamos nos ater ao aspecto ambiental, odores, cujo efeito ou impacto é o “desconforto olfativo para a comunidade”, o qual, para as organizações cujos processos possuem esta emissão, é **sendo dúvida, um dos aspectos ambientais mais importantes, pois é uma demanda latente para manifestação/reclamação das partes interessadas**. Isto é justificado por três razões básicas: inexistência de limites legais para emissão, subjetividade olfativa por parte da comunidade e atuação e/ou autuação por parte dos órgãos reguladores e do ministério público, mesmo sem limites legais estabelecidos, haja vista a força e o poder cada vez maior das partes interessadas.

Mas então fica a pergunta: O que a organização pode fazer? Como gerenciar esta situação?

Para responder a esta questão precisamos lançar mão de uma sigla que eu criei na minha infinita jornada de aprendizagem nesta área, qual seja, **T C B:**

T: Transparência: dialogar com a parte interessada reclamante, mesmo que seja um único vizinho. Abrir as portas da empresa, marcar uma visita, mostrar a empresa, o que ela faz, produz, número de empregos que gera, suas ações socioambientais....., lembrando sempre que relacionamento com a parte interessada, **nem sempre, é sinônimo de resolução imediata do problema**. Falta de tecnologia, investimentos são justificativas plausíveis que, se bem colocadas, amenizam o problema. Por isso, a transparência e o diálogo são fundamentais, **pois é necessário conter a brasa antes que vire um incêndio**. Algumas organizações que já passaram por isso reconhecem a importância desta transparência, inclusive para com o órgão ambiental.

C: Comprometimento: Mostrar a preocupação da empresa com este aspecto, o que vem fazendo ou o que irá fazer (plano de ação) para minimizar o problema, considerando que cada processo tem o seu odor peculiar.

B: Bom Senso: Sustentabilidade, gestão socioambiental é “self design”, não se compra em prateleiras ou balcão de consultorias. Cada caso é um caso, cada processo é uma análise diferente, cada endereço, cada entorno, tem sua peculiaridade, suas necessidades....e, neste caso o bom senso é mandatório para o equacionamento do problema.

Para organizações que mantêm um padrão de gestão baseado nas normas ISO, isto não é novidade, contudo, mesmo para estas, o relacionamento com as partes interessadas, principalmente com a comunidade é sempre um grande desafio, isto porque o setor produtivo está caminhando na trilha do aprendizado sustentável, o qual não é um destino, é um caminho e, no momento, o **TCB** é o melhor caminho a ser seguido até que tenhamos publicada a nossa Resolução sobre emissão de odores, em elaboração. Vale lembrar que assim como Odores, a reputação de uma Organização também é intangível.

Para finalizar fica para reflexão a seguinte pergunta que deve ser feita por todo gestor: **“o que pode fechar minha empresa amanhã”???**